



Instituto Federal de Brasília
Campus Riacho Fundo
Especialização em Ensino de Humanidades e Linguagens

BÁRBARA CARDOZO MARIN

**RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO DISTRITO FEDERAL:
PROPOSTA PEDAGÓGICA SOB UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Brasília
2025

BÁRBARA CARDOZO MARIN

**RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO DISTRITO FEDERAL:
PROPOSTA PEDAGÓGICA SOB UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Especialização em Ensino de
Humanidades e Linguagens para
obtenção de nota parcial do Instituto
Federal de Brasília - *Campus* Riacho
Fundo.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Isabella Santos
Mundim

Brasília
2025

Marin, Bárbara Cardozo.

Ressignificação do ensino de língua inglesa no Distrito Federal: proposta pedagógica sob uma perspectiva decolonial / Bárbara Cardozo Marin ; orientação Isabella Santos Mundim. — Riacho Fundo, DF: 2025.

42 f. [object HTMLSelectElement]; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Humanidades e Linguagem) — Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, Riacho Fundo, DF, 2025.

Orientador(a): Isabella Santos Mundim.

1. Ensino de língua inglesa. 2. Interculturalidade. 3. Teoria decolonial. 4. Práticas pedagógicas. 5. Educação crítica. I. Mundim, Isabella Santos, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

BÁRBARA CARDOZO MARIN

**RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO DISTRITO FEDERAL:
PROPOSTA PEDAGÓGICA SOB UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Especialização em Ensino de
Humanidades e Linguagens para
obtenção de nota parcial do Instituto
Federal de Brasília - *Campus Riacho
Fundo*.

Aprovado em 30 de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

[Nome do Orientador]
[Departamento / Instituição a qual pertence]
Presidente(a) / Orientador(a)

[Nome do segundo membro da banca]
[Departamento / Instituição a qual pertence]
Membro [interno ou externo]

[Nome do terceiro membro da banca]
[Departamento / Instituição a qual pertence]
Membro [interno ou externo]

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho explora a aplicação da teoria decolonial no ensino de língua inglesa, com foco em ações que desafiem a hegemonia colonial e promovam a interculturalidade. À luz de referencial teórico pertinente (estudos decoloniais e ideias de Paulo Freire em particular), busca-se demonstrar que é possível desenvolver uma prática pedagógica que não apenas ensine a língua inglesa, mas que também possibilite uma leitura crítica da sua expansão global e da sua influência presente, indissociáveis das dinâmicas de poder colonial e imperial.

Para dar conta desses objetivos, a pesquisa inclui um breve relato de experiência de uma proposta pedagógica projetada para explorar a expansão do inglês em contextos diversos, destacando a sua presença no Sul Global. Por fim, mas não menos importante, complementa-se tal pesquisa com a proposição de uma sequência didática centrada no inglês (e literaturas) de países da África e do Caribe, na expectativa de desestabilizar a centralidade da perspectiva eurocêntrica e fomentar uma aprendizagem que emerge das margens.

Palavras-chave: ensino de língua inglesa, interculturalidade, teoria decolonial, currículo, práticas pedagógicas, educação crítica.

ABSTRACT

This study explores the application of decolonial theory in English language teaching, focusing on practices that challenge colonial hegemony and promote interculturality. In light of relevant theoretical frameworks (particularly decolonial studies and Paulo Freire's ideas), it aims to demonstrate that it is possible to develop a pedagogical approach that not only teaches the English language but also enables a critical understanding of its global expansion and present influence, which are inseparable from colonial and imperial power dynamics.

To achieve these objectives, the research includes a brief account of an experiential proposal designed to explore the expansion of English in diverse contexts, highlighting its presence in the Global South. Furthermore, it complements this investigation by proposing a didactic sequence centered on English (and its literatures) from African and Caribbean countries, with the aim of destabilizing the centrality of the Eurocentric perspective and fostering learning that emerges from the margins.

Keywords: English language teaching, interculturality, decolonial theory, curriculum, pedagogical practices, critical education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LI - Língua Inglesa

SEEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. LÍNGUA INGLESA E INTERCULTURALIDADE À LUZ DA DECOLONIALIDADE	12
2.1. Teoria Decolonial	12
2.2. O “Giro Decolonial” e a Interculturalidade à Luz da Decolonialidade	14
2.3. A Expansão e a Influência da Língua Inglesa	16
4. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL COM ENFOQUE DECOLONIAL E INTERCULTURAL	23
4.1. Ensino de Língua Inglesa Decolonial e Intercultural: Princípios	23
4.1.1. Desenvolvimento da Consciência Crítica	23
4.1.2. Valorização da Diversidade Cultural	24
4.1.3. Promoção da Comunicação Intercultural	24
4.1.4. Estímulo à Autonomia e Criatividade	24
4.2. Ensino de Língua Inglesa Decolonial e Intercultural: Metodologia	25
4.3. Ensino de Língua Inglesa Decolonial e Intercultural: Avaliação Formativa	26
4.4. Ensino de Língua Inglesa Decolonial e Intercultural: Sequência Didática	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35
ANEXO I - Trecho de Things Fall Apart (Chinua Achebe)	37
ANEXO II - Trecho de “Girl” (Jamaica Kincaid)	39
ANEXO III - Trecho de “Dis Poem” (Mutabaruka)	41
ANEXO IV - “Pineapple” (Oliver Senior)	42

1. INTRODUÇÃO

A globalização e a disseminação da língua inglesa têm transformado o panorama educacional mundial, destacando a necessidade de reavaliar práticas pedagógicas que frequentemente perpetuam estruturas de poder colonial e imperial. Este trabalho visa explorar a aplicação da teoria decolonial no ensino de língua inglesa, propondo um exame crítico das práticas educacionais que buscam desafiar a hegemonia linguística e promover a interculturalidade para guiar uma sequência didática. Ao integrar a teoria decolonial com o ensino de línguas, este estudo pretende analisar como a expansão global do inglês está entrelaçada com dinâmicas de poder colonial e imperial, e como uma abordagem crítica pode transformar o currículo e a prática pedagógica e como isso pode ser pensado dentro da sala de aula, por meio de uma sequência didática.

A teoria decolonial, emergente da América Latina, oferece uma perspectiva crítica ao questionar a persistência da colonialidade, um conceito que descreve a lógica de dominação e exploração que persiste mesmo após a descolonização formal. Ballestrin (2013) e Mignolo (2017) destacam que essa abordagem busca romper com as narrativas eurocêntricas e reavaliar formas de conhecimento e práticas sociais impostas durante o período colonial. Ao considerar o ensino de língua inglesa dentro desse contexto, é possível observar como a hegemonia do idioma está ligada a um legado de colonialidade e imperialismo.

A esse respeito, vale apontar ainda que o ensino de língua inglesa, historicamente atrelado a processos de colonização, frequentemente ignora a dimensão política da sua expansão. Como apontam autores como Walter Mignolo (2011), a colonialidade do saber se manifesta na imposição de uma visão eurocêntrica, onde o inglês é ensinado como uma língua neutra e universal, desconsiderando as especificidades culturais e históricas dos países que foram colonizados. No entanto, essa abordagem reforça desigualdades, ocultando as implicações sociais e culturais da difusão do inglês.

Neste contexto, a presente monografia se propõe a investigar como a teoria decolonial pode ser aplicada ao ensino de inglês, com o objetivo de desafiar a hegemonia colonial e promover a interculturalidade. A partir dos fundamentos estabelecidos por Paulo Freire (1987), esta pesquisa busca demonstrar que é

possível desenvolver uma prática pedagógica que não apenas ensine a língua, mas que também possibilite uma leitura crítica dos processos de colonização que acompanham a sua difusão global, pensando em como seria aplicar esses conhecimentos no ambiente educacional.

Nisso, alguns documentos, orientadores da política de educação básica, podem ser de grande ajuda. Afinal, o currículo educacional brasileiro, refletido na *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) e no Currículo em Movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), incorpora objetivos que visam promover uma aprendizagem crítica e intercultural. A BNCC, por exemplo, enfatiza a necessidade de discutir a expansão da língua inglesa e suas implicações históricas (MEC, 2018). O *Currículo em Movimento*, por sua vez, propõe uma educação integral que valorize a diversidade cultural e as diferenças étnico-raciais (SEEDF, 2018). Este estudo investiga como essas diretrizes podem ser implementadas de forma a incluir uma perspectiva decolonial no ensino de língua inglesa.

Para dar conta desse objetivo, além da análise teórica, a pesquisa inclui um breve relato de experiência sobre uma proposta pedagógica que visou explorar a colonização e a expansão do inglês em diferentes contextos. A atividade proposta consistiu em investigar como a língua inglesa chegou a países não anglófonos e apresentar essas descobertas em sala de aula. Esse relato reflete a necessidade de integrar a perspectiva decolonial nas práticas pedagógicas, destacando a importância de uma abordagem crítica que valorize diferentes formas de conhecimento e expressão cultural (Kabongo, 2022; Ferreira & Pessoa, 2018).

Por fim, mas não menos importante, a proposição de uma sequência didática complementa a reflexão que aqui se desenvolve. Destinada a alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental, tal sequência foca na expansão do inglês em países colonizados, especialmente na África e no Caribe. A sequência é composta por quatro aulas, nas quais os estudantes são levados a investigar os contextos históricos de colonização, a refletir sobre as implicações linguísticas, culturais e literárias dessa expansão e a apresentar suas descobertas para a turma. Essa proposta prática conecta o ensino de língua inglesa a questões de cidadania global, proporcionando uma abordagem crítica que rompe com o tradicional ensino de línguas centrado apenas na aquisição de competências linguísticas.

Ao engajar os estudantes em uma prática pedagógica que valoriza o pensamento crítico e a reflexão sobre a colonialidade da língua, a sequência didática

aqui proposta propõe aliar-se aos estudos decoloniais e promover uma educação que vá além da reprodução de conhecimento, colocando o estudante como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Assim, este trabalho busca não só o estudo decolonial, mas também mostrar como ele pode ser traduzido em práticas pedagógicas concretas no ensino de inglês, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel no mundo.

Por fim, se os objetivos traçados são desconstruir a hegemonia linguística e promover uma educação inclusiva, é essencial adotar metodologias que respeitem e integrem a diversidade cultural dos alunos. Isso inclui a revisão dos materiais didáticos e a valorização das identidades culturais dos estudantes, alinhando-se com os princípios da teoria decolonial e da interculturalidade (Santos de Souza & Nascimento, 2018; Walsh, 2009). A abordagem proposta não apenas promove uma compreensão crítica das relações de poder globalizadas, mas também contribui para uma educação mais plural e transformadora.

Em suma, este trabalho busca oferecer uma reflexão aprofundada sobre como a teoria decolonial pode ser aplicada no ensino de língua inglesa, propondo práticas pedagógicas que desafiem as estruturas de poder existentes e promovam a inclusão e a valorização das diversas identidades culturais, a fim de, além disso, pensar em uma sequência didática nesses parâmetros. Através da análise crítica do currículo e das práticas educativas, pretende-se avançar na construção de um ensino de línguas que respeite e reflita a pluralidade cultural e histórica dos alunos e seja o mais liberta possível de amarras coloniais.

2. LÍNGUA INGLESA E INTERCULTURALIDADE À LUZ DA DECOLONIALIDADE

2.1. TEORIA DECOLONIAL

Os estudos decoloniais têm suas origens na América Latina, onde intelectuais e ativistas começaram a questionar as bases epistemológicas e políticas da modernidade/colonialidade. Esses estudos propõem novas abordagens para a compreensão da realidade do continente, reconhecido como "laboratório do colonialismo e do racismo" (Quijano, 2000). Diferenciam-se dos estudos subalternos e do pós-colonialismo, buscando uma abordagem própria e original para a questão da colonialidade, com foco na necessidade de desafiar estruturas opressoras e construir um futuro mais justo e igualitário para a região.

O Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) foi fundamental nesse processo, ao realizar um movimento epistemológico que radicalizou o argumento pós-colonial no continente, introduzindo a noção de "giro decolonial", definida por Mignolo (2003) como uma virada teórica e prática que propõe a ruptura com as epistemologias eurocêntricas e a valorização de saberes locais e marginalizados. O giro decolonial latino-americano, segundo Miglievich-Ribeiro (2017), tem sido objeto de análise e reflexão, destacando a tradição cognitiva existente na região e a importância de considerar a longa trajetória do pensamento marxista no continente. Nesse sentido, as guerras independentistas na América Latina contribuíram para forjar uma expressiva reflexão anticolonial, que se torna relevante no contexto da crítica pós-colonial.

Portanto, a análise do giro decolonial latino-americano não se restringe a uma mera retórica anti-ocidentalista, mas sim a uma reflexão profunda sobre a tradição cognitiva da região, a luta anticolonial e a busca pela autonomia e integração regional. A construção de problemáticas e respostas críveis é essencial para uma interpretação mais ampla e diversificada do mundo, refletindo as diferentes realidades e perspectivas presentes na América Latina.

É no âmbito desse "giro" que certos pesquisadores se dedicam a pensar a decolonialidade – e a colonialidade à luz da decolonialidade (Ballestrin, 2013). Trata-se de uma abordagem crítica e teórica que busca desafiar as estruturas de poder e conhecimento que perpetuam a colonialidade, ou seja, a lógica de dominação e exploração que persiste mesmo após os processos históricos de independência e

descolonização. A decolonialidade propõe uma ruptura com as narrativas eurocêntricas e uma reavaliação das formas de conhecimento e práticas sociais que foram impostas durante o período colonial.

Assim, a decolonialidade surge como uma resposta crítica à persistência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva, propondo uma "opção decolonial" epistêmica, teórica e política para compreender e atuar em um mundo marcado por relações de poder desiguais e opressivas. A partir da América Latina, a decolonialidade se expandiu para outras regiões do mundo, influenciando diversos campos do conhecimento e práticas sociais.

Um desses campos é o da educação. Sob a reflexão da discussão de Mignolo (2017), a hegemonia da língua inglesa está intrinsecamente ligada à colonialidade do saber e do ser, refletindo a dimensão imperial do conhecimento ocidental, que foi construído, transformado e disseminado ao longo dos últimos séculos. A compreensão da colonialidade da língua inglesa é fundamental para uma análise crítica das relações de poder e da subalternização presentes na propagação e imposição dessa língua em contextos globais.

A perspectiva decolonial propõe uma análise crítica das estruturas de poder, dominação e colonialidade presentes na disseminação global da língua inglesa, especialmente em contextos coloniais e pós-coloniais. Mignolo (2017) desafia-nos a pensar e fazer de forma decolonial, habitando e pensando nas fronteiras:

A opção decolonial é a de nos naturalizarmos em vez de nos modernizarmos. Quando a sensibilidade/pensamento fronteiriça surgiu, entrou em vigor a opção decolonial; e ao aparecer como opção, revelou que a modernidade (a modernidade periférica, subalterna ou alternativa, ou simplesmente a modernidade) é tão só outra opção e não o desenvolvimento 'natural' do tempo" (Mignolo, 2017, p. 15).

Nesse ponto, emerge a importância da opção decolonial para ressignificar as práticas educacionais, incluindo o ensino de língua inglesa. Nesse contexto, isso implica em respeitar, valorizar e integrar outras formas de conhecimento e expressão, rompendo com a hegemonia linguística e epistêmica e promovendo a sua descolonização. Os passos a serem dados nesse processo de desconstrução são desafios para o docente em sua prática educacional.

Sob a perspectiva da teoria decolonial, o ensino de língua inglesa deve ser repensado considerando as relações de poder e as hierarquias presentes na

disseminação do conhecimento. A colonialidade do saber impõe uma visão eurocêntrica que privilegia determinadas formas de conhecimento em detrimento de outras, perpetuando assim a marginalização de saberes não hegemônicos.

A esse respeito, por exemplo, Santos de Souza e Nascimento (2018) aponta que a escrita acadêmica configura um dispositivo de poder que historicamente excluiu outras formas de produção de conhecimento, como as narrativas orais presentes em muitas culturas. Somam-se a isso aqueles e aquelas docentes que desconsideram as diferentes formas de expressão e comunicação periféricas, que insistem na imposição de um único padrão linguístico e cultural.

A teoria decolonial serve aqui, mais uma vez, de contraponto, ressaltando a importância de reconhecer as barreiras linguísticas e culturais presentes no sistema de ensino e a necessidade de desenvolver estratégias pedagógicas que considerem as formas de aprender próprias de contextos culturais diversos. Isso implica em repensar as práticas de ensino de língua inglesa para que sejam sensíveis às diferenças linguísticas e culturais, valorizando a pluralidade existente na sociedade.

2.2. O “GIRO DECOLONIAL” E A INTERCULTURALIDADE À LUZ DA DECOLONIALIDADE

Interculturalidade é um conceito que vai além do simples reconhecimento da coexistência de diferentes culturas dentro de uma sociedade. Trata-se de um processo dinâmico de interação, diálogo e troca entre essas culturas, que visa promover uma relação de respeito e reciprocidade, sem que uma cultura se sobreponha ou exerça poder sobre a outra. Ao contrário do conceito de multiculturalismo, que se refere apenas à presença de múltiplas culturas em um mesmo espaço, a interculturalidade busca criar uma interação profunda entre essas culturas, valorizando as suas contribuições e promovendo uma verdadeira horizontalidade nas relações (Walsh, 2009).

Nos estudos culturais, Stuart Hall (2003) destaca que a interculturalidade é um processo crítico para a superação das hierarquias históricas impostas pelo colonialismo, pois permite que as vozes e perspectivas historicamente marginalizadas possam emergir e ser legitimadas. Nesse sentido, a interculturalidade desafia as dinâmicas de poder assimétricas, frequentemente reforçadas por discursos eurocêntricos que marginalizam ou subalternizam culturas não-ocidentais.

Ao reconhecer e valorizar as identidades e narrativas das culturas e dos estudantes consideradas subalternas, essa abordagem questiona e desafia as hierarquias culturais impostas historicamente pelo colonialismo, promovendo a inclusão de vozes e perspectivas diversas. Segundo Walsh (2009), a interculturalidade crítica, que é central no pensamento decolonial, busca dismantlar o poder colonial presente nas estruturas educacionais e abrir caminho para novas formas de conhecimento e interação cultural.

No contexto educacional então, e particularmente no ensino de línguas, a interculturalidade propõe uma abordagem em que os alunos não são apenas consumidores de uma cultura dominante, mas também agentes que trazem suas próprias vivências culturais para o espaço de aprendizado. Como aponta Walsh (2009), a interculturalidade é fundamental para que o diálogo entre culturas não se torne uma assimilação ou imposição de uma cultura sobre outra, mas sim uma troca genuína que leva à construção de novas formas de compreensão e prática, tanto no campo linguístico quanto no cultural.

No ensino de língua inglesa, a interculturalidade permite que os alunos compreendam as nuances culturais por trás da língua, ao mesmo tempo que valorizam e expressam suas próprias identidades culturais. Dentro da perspectiva decolonial, a interculturalidade não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas também um meio de resistência contra as formas de colonialidade que ainda permeiam o ensino, especialmente de línguas.

Dessa forma, a interculturalidade é um conceito essencial para a construção de um ensino de línguas que seja mais plural, inclusivo e decolonial, oferecendo um caminho para a construção de ideias anticoloniais ao mesmo tempo que promove o respeito e a valorização das múltiplas identidades e histórias que compõem a educação e a formação desses estudantes.

Em suma, a teoria decolonial oferece uma perspectiva crítica e transformadora para o ensino de língua inglesa, desafiando a hegemonia do conhecimento eurocêntrico e promovendo a interculturalidade como um caminho para uma abordagem mais plural e inclusiva no ensino de línguas, em direção à inclusão de vozes e narrativas que foram historicamente silenciadas (Santos de Souza & Nascimento, 2018).

A proposta de ensino de língua inglesa aqui é analisada com a intenção de desconstruir o pensamento colonial que permeia as suas práticas pedagógicas.

Segundo Kabongo (2022), é necessário que o ensino de línguas estrangeiras esteja voltado para o lado social e político, associado às questões de poder, e que utilize conteúdos e materiais vindos também de povos subalternos e que questionem fatores sociais.

Além disso, ainda sob esse prisma, o ensino de língua inglesa precisa problematizar práticas sociais hegemônicas e produzir um conhecimento linguístico que compreenda o caráter social da linguagem (Ferreira e Pessoa, 2018). Isso significa que é preciso mostrar aos alunos que todas as variedades linguísticas são legítimas e que devem aprender a língua dominante (norma padrão) para que possam articular suas falas na luta contra a injustiça (Pessoa e Bastos, 2017).

Sob o prisma da teoria decolonial, portanto, o ensino de língua inglesa considera aspectos sociais e políticos, examinando as dinâmicas de poder envolvidas. Essa perspectiva valoriza conteúdos e materiais marginalizados e questiona as práticas sociais dominantes. O objetivo desse enfoque é promover uma reflexão crítica sobre os modelos atuais de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, buscando reavaliá-los à luz das propostas teóricas decoloniais e interculturais.

2.3. A EXPANSÃO E A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA

A expansão do inglês (Lacoste, 2005) como língua franca¹ está intrinsecamente ligada ao poder político, econômico e cultural dos países de língua inglesa, especialmente o Reino Unido e os Estados Unidos. O inglês emergiu (Andrade, 2020) como a língua mais falada no mundo devido a uma série de fatores interligados. Inicialmente, a história de dominação e expansão do Império Britânico no século XIX e a predominância econômica dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial desempenharam um papel crucial na disseminação do idioma. Ademais, a globalização, impulsionada pela revolução tecnológica liderada pelos Estados Unidos, contribuiu significativamente para a ascensão do inglês como língua franca global. A língua inglesa passou a ser vista como um meio de acesso a

¹ O termo "língua franca" refere-se a uma língua utilizada como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas. Segundo Ostler (2010), as línguas francas surgem em contextos de interação comercial, diplomática ou cultural, onde a necessidade de comunicação supera as barreiras linguísticas. Crystal (2003) complementa que o inglês, na contemporaneidade, é amplamente reconhecido como uma língua franca global, devido ao seu uso predominante em âmbitos como economia, ciência e tecnologia, frequentemente associado a dinâmicas de poder e hegemonia cultural.

diferentes campos e de interação em escala global, acompanhando as intensas transformações socioculturais.

A língua inglesa, sendo a mais utilizada em publicações científicas e nas organizações internacionais, tornou-se essencial para as interações sociais e comerciais em um contexto globalizado. A globalização permitiu que o inglês se tornasse a língua oficial das trocas sociais e das interações intra e intercontinentais em tempo real, consolidando sua posição como idioma de comunicação internacional.

A influência da hegemonia do inglês na educação (Lacoste, 2005) é evidente em diversos contextos ao redor do mundo. Em muitos países, o inglês é considerado uma língua de prestígio e é valorizado como um meio de ascensão social e econômica. Isso leva a uma crescente demanda por educação em inglês, tanto como língua estrangeira quanto como segunda língua, em escolas e instituições de ensino.

A procura (Andrade, 2020) por profissionais fluentes em inglês é crescente, com mais de 70% das empresas internacionais buscando indivíduos que dominem o idioma. O amplo domínio do inglês pode resultar em salários mais elevados, com diferenças significativas em cargos de diretoria, gerência e supervisão, o que torna inglês essencial no contexto educacional e profissional.

No entanto, essa valorização (Lacoste, 2005) do inglês também pode gerar desafios e dilemas na educação. Por um lado, o ensino do inglês pode abrir portas para oportunidades globais e acesso a conhecimentos e recursos internacionais. Por outro lado, a hegemonia do inglês pode levar à marginalização de outras línguas e culturas locais, reforçando discursos hegemônicos, bem como assimetrias linguísticas e culturais no sistema educacional.

Além disso, a demanda de domínio da língua inglesa pode reforçar desigualdades sociais e econômicas, uma vez que nem todos os estudantes têm igual acesso a recursos e oportunidades para aprender o idioma. Isso levanta questões sobre a relevância da inclusão e diversidade linguística nas matrizes curriculares educacionais.

Cumprir registrar, também, que a aprendizagem do inglês (Andrade, 2020) está sujeita a influências políticas e culturais, assim como é utilizada como veículo para impor valores socioculturais e linguísticos. A hegemonia do inglês tem um impacto significativo na educação, em políticas linguísticas, práticas pedagógicas e

perspectivas de ensino e aprendizagem. É essencial refletir criticamente sobre essas questões e buscar abordagens educacionais que promovam a diversidade linguística e desvendem crenças perpetuadas pela hegemonia política de países colonizadores, que fomentem uma consciência decolonial através de discussões sócio-políticas.

Daí a necessidade da língua inglesa (Anjos, 2017), historicamente associada ao colonialismo, passar por um processo de descolonização, para que falantes não nativos possam utilizá-la com confiança, preservando suas identidades culturais. Essa descolonização é vista como uma necessidade urgente, uma vez que a língua carrega o peso das ideologias coloniais que marginalizam as culturas dos falantes não nativos. Ela ainda implica na reformulação de métodos, materiais didáticos e políticas de ensino, aliada ao ensino da língua fundamentado em uma consciência crítica que reconheça e questione as raízes coloniais do idioma.

Segundo Kumaravadivelu (2005), se uma língua pode ser considerada um produto do colonialismo, também deve ser possível descolonizá-la, desde que haja uma vontade coletiva para essa transformação. Essa perspectiva é essencial para que o ensino da língua inglesa não apenas transmita conhecimento linguístico, mas também promova uma reflexão sobre as implicações sociais e históricas do uso do idioma.

Além disso, a pedagogia do ensino de inglês (Anjos, 2017) deve ser reformulada para centrar-se em práticas que promovam a alteridade e a desestrangeirização da língua, isso envolve o desenvolvimento de metodologias. Isto é, o ensino da língua inglesa não pode ignorar seu contexto sócio-histórico; ao contrário, deve integrar questões de identidade, colonialismo e globalização, preparando os alunos para enfrentar as demandas contemporâneas de comunicação.

A língua inglesa, nesse contexto, é vista como uma ferramenta de comunicação global que facilita a interação entre diferentes povos e culturas. Ao ser utilizada como língua franca (Anjos, 2017), o inglês deve ser desvinculado de suas origens coloniais, permitindo que os falantes mantenham suas identidades culturais.

A comunicação em inglês deve ser uma via para a troca cultural e o respeito mútuo, possibilitando que as identidades dos falantes sejam preservadas em situações comunicativas. Ao repensar a forma como o inglês é ensinado, é possível não apenas empoderar os falantes não nativos, mas também promover uma

educação que respeite e valorize a diversidade cultural e a identidade desses estudantes.

3. CURRÍCULO EM MOVIMENTO E OS ESTUDOS DECOLONIAIS

Inicialmente, importante assinalar que, como previsto na Base Curricular Nacional Comum BNCC, na parte de estudos interculturais, o estudo de língua inglesa prevê aprendizagens e competências em torno do processo de expansão da língua inglesa: “Debater sobre a expansão da língua inglesa pelo mundo, em função do processo de colonização nas Américas, África, Ásia e Oceania” (MEC, 2018), na parte de ensino fundamental, 8º e 9º anos.

Já o currículo da Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF, também chamado de *Currículo em Movimento da Educação Básica*, é um “Currículo de Educação Integral que objetiva ampliar tempos, espaços e oportunidades educacionais” (SEEDF, 2018), o qual, assim como na BNCC, mais especificamente na seção de objetivos em relação à interculturalidade, direciona para uma aprendizagem crítica capaz de perceber as diferenças culturais, políticas, étnico-raciais, sociais e econômicas, inclusive no que diz respeito aos processos de colonização e descolonização. A saber:

Investigar e refletir coletivamente sobre o processo de evolução e expansão da língua estudada e das culturas a ela relacionadas, seja em função de processos de colonização, de descolonização ou por influências causadas por mudanças geopolíticas e culturais no mundo (*Currículo em Movimento - Anos Finais*, SEEDF, 2018).

Durante minha experiência na rede distrital, notei que o estudo de LI é muito descontextualizado para os estudantes, surgindo questões como “por que tenho que aprender inglês se não vou para fora do país?”; “por que aprendemos inglês se os países que falam inglês ficam tão longe, e nossos vizinhos falam espanhol?”. Essas questões, além de pertinentes, foram convenientes e prepararam o ambiente para a introdução dos estudos de colonização e da expansão da língua inglesa no mundo.

Mais importante, serviram de ponto de partida para a proposição de atividade cuja intenção era tentar compreender o poder que torna o inglês uma “língua universal” e obrigatória. A atividade consistia em pesquisar como a língua inglesa chegou em determinado país que a tenha como língua oficial e apresentar as devidas respostas para a turma, usando inclusive cartazes para ajudar na socialização de tal informação. Entre as opções, não estavam os Estados Unidos e a Inglaterra, devido ao seu papel hegemônico e até mesmo colonizador. Entre os

países escolhidos estavam Bahamas, Camarões, Guiana, Jamaica, Nigéria, entre outros. Tal lógica, indicativa do objetivo da atividade, foi explicada aos estudantes.

Durante as apresentações, surgiram muitas informações novas, associadas às reflexões dos próprios alunos. Alguns apontaram como a língua inglesa foi imposta; outros comentaram que ela chegou por meio de guerra e escravidão; um estudante em particular a descreveu como “muito sangrenta”. Interessante registrar, também, certas dúvidas que surgiram durante as pesquisas, tal qual as relativas à Trinidad. Os estudantes, apesar de pesquisarem bastante, não encontraram informações suficientes sobre a história do país, o que levou a professora a lhes indicar outros países.

Essa atividade foi enriquecedora no sentido de expor o contexto histórico e demonstrar como a colonização e a hegemonia de países como EUA e Inglaterra têm influência na expansão da língua inglesa até hoje. Ademais, após a realização das atividades e as reflexões dos estudantes, pode-se perceber o complexo cenário que envolve a ideia de que o inglês é uma língua “universal”. Não só isso, mas a convicção de que a disciplina seria importante para a formação cidadã e profissional desses mesmos estudantes, na medida em que a atividade lhes proporcionou uma compreensão da sua identidade cultural e dos elementos de colonialidade que a atravessam.

A partir dessa perspectiva, é fundamental que o ensino da língua inglesa não se restrinja apenas à transmissão de conteúdos linguísticos, mas que também promova uma reflexão crítica sobre as implicações sociais, culturais e históricas que envolvem o uso dessa língua. O currículo da SEEDF, ao enfatizar a interculturalidade, abre espaço para que os estudantes compreendam a língua inglesa como um fenômeno global, que carrega consigo as marcas de um passado colonial e que, ao mesmo tempo, pode ser um veículo para a construção de identidades plurais e diversas.

Nesse sentido, a proposta de uma perspectiva decolonial, alicerçada pelo *Currículo em Movimento*, deve ser acompanhada de metodologias que favoreçam a descolonização do ensino da língua inglesa. Isso implica em repensar os materiais didáticos, as abordagens pedagógicas e as práticas de sala de aula, de modo a valorizar as culturas locais e as experiências dos alunos. A ideia é que os estudantes não apenas aprendam a língua, mas que também se tornem críticos em

relação ao seu uso e às suas origens, desenvolvendo uma consciência que os capacite a atuar em um mundo cada vez mais interconectado.

Mesmo que a descolonização do ensino da língua inglesa, conforme discutido por Kumaravadivelu (2005), não seja um processo simples, ela é essencial para que os alunos possam se apropriar da língua de maneira autônoma e crítica. Isso envolve a desconstrução de narrativas hegemônicas que muitas vezes permeiam o ensino de línguas, onde a cultura dos falantes nativos é privilegiada em detrimento das culturas dos falantes não nativos. Ao invés de emular comportamentos de falantes nativos, os alunos devem ser incentivados a expressar suas próprias identidades e a dialogar com outras culturas, promovendo um ambiente de aprendizagem que respeite e valorize a diversidade.

Além disso, é importante que o ensino da língua inglesa no contexto do Distrito Federal considere as especificidades locais e as realidades dos estudantes. A reflexão sobre a escolha do inglês em detrimento de outras línguas, como o espanhol, deve ser parte de um debate mais amplo sobre as relações de poder e as dinâmicas culturais que moldam o cenário educacional. O inglês, enquanto língua franca global, deve ser visto como uma ferramenta que pode facilitar a comunicação intercultural, mas que também deve ser ensinada de forma crítica, levando em conta seu legado colonial e suas implicações contemporâneas.

Ao integrar os estudos decoloniais ao ensino da língua inglesa, é possível não apenas enriquecer a experiência de aprendizagem dos alunos, mas também contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel em um mundo globalizado. Essa abordagem não apenas desafia as estruturas de poder existentes, mas também promove um espaço educacional mais inclusivo e representativo, onde todas as vozes têm a oportunidade de ser ouvidas e valorizadas. Assim, o ensino da língua inglesa se torna um ato político e transformador, quando pensados sob a prisma dos estudos decoloniais.

Chamo à reflexão professores e outros atores participantes da educação, principalmente do ensino de língua inglesa, para avançarmos nos estudos de língua estrangeira sob a perspectiva descolonizada, de modo a aprender a perceber essas diferenças e influências dentro da sala de aula, nos livros didáticos e nas diretrizes da educação.

4. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL COM ENFOQUE DECOLONIAL E INTERCULTURAL

4.1. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DECOLONIAL E INTERCULTURAL: PRINCÍPIOS

O ensino de língua inglesa, dentro de uma perspectiva crítica e decolonial, vai muito além de transmitir estruturas gramaticais e regras linguísticas. A proposta pedagógica aqui apresentada busca desenvolver nos alunos uma consciência crítica acerca do papel da língua inglesa como um fenômeno global, com raízes coloniais que impactam, ainda hoje, as culturas locais, correlacionando um relato de experiência com os estudos decoloniais.

Tal abordagem dialoga diretamente com as ideias de Paulo Freire, que defende um ensino libertador, no qual os alunos são incentivados a refletir criticamente sobre o mundo à sua volta, promovendo sua autonomia e transformação social (Freire, 2005). Ao mesmo tempo, os estudos decoloniais, que desafiam as estruturas de poder e saber impostas pelo colonialismo, buscando valorizar vozes e culturas marginalizadas no ensino da língua. Dessa forma, surgem, nesta reflexão, caminhos importantes a serem trilhados para alcançar uma educação decolonial de LI, desenvolvidos a seguir.

4.1.1. DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

O primeiro objetivo central dessa proposta pedagógica é o desenvolvimento da consciência crítica nos alunos. Como aponta Freire (2005), a educação deve ser um processo de problematização do mundo, no qual os estudantes se reconhecem como sujeitos históricos capazes de intervir na realidade. O objetivo é fomentar a reflexão sobre a língua inglesa como uma língua franca, como, por exemplo, discutir suas raízes coloniais e o impacto que sua disseminação global exerce sobre as culturas locais.

Nesse sentido, os alunos devem ser encorajados a refletir sobre o papel da língua inglesa no cenário global, relacionando-a ao colonialismo e à continuidade de práticas coloniais nas relações internacionais. Essa reflexão permite que os estudantes compreendam as dinâmicas de poder envolvidas no uso da língua e questionem os privilégios associados ao domínio do inglês.

4.1.2. VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL

Um segundo objetivo essencial é a valorização da diversidade cultural no contexto educacional. Seguindo a lógica freireana de valorização do conhecimento prévio e das experiências dos alunos, é importante integrar as culturas e vivências dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem. A inclusão dessas pode criar um ambiente de aprendizado inclusivo, no qual as diversas identidades culturais são valorizadas.

A abordagem decolonial questiona as hierarquias culturais impostas pelo colonialismo, promovendo um espaço onde diferentes perspectivas culturais possam coexistir e ser celebradas (Quijano, 2000). Esse cenário pode ser fomentado por meio de atividades que permitam aos alunos explorar e apresentar suas próprias culturas – como festas, tradições e histórias locais –, além de conhecer outras culturas, principalmente aquelas que são marginalizadas. Essa metodologia implica reconhecer e legitimar os conhecimentos dos estudantes como parte do currículo.

4.1.3. PROMOÇÃO DA COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Outro objetivo da proposta é promover a comunicação intercultural, interagindo de forma respeitosa e eficaz em contextos multiculturais. Com base nos estudos decoloniais, é crucial que os indivíduos compreendam as complexidades e as assimetrias das interações entre culturas, especialmente em contextos pós-coloniais, onde o conhecimento e a comunicação são muitas vezes moldados por relações de poder desiguais (Maldonado-Torres, 2007).

A ideia é que, ao explorar situações interculturais em um ambiente seguro, os alunos desenvolvam não só competências linguísticas, mas também a capacidade de navegar por essas complexidades com sensibilidade e respeito. Essas habilidades podem ser trabalhadas por meio de atividades práticas, como dramatizações e jogos de simulação, pesquisa, vídeos e até mesmo celebrações de diversas culturas para conhecer e mergulhar em cenários multiculturais.

4.1.4. ESTÍMULO À AUTONOMIA E CRIATIVIDADE

A autonomia do estudante, segundo a pedagogia de Paulo Freire (2005), é outro ponto fundamental desta proposta. Incentivar os alunos a serem aprendizes autônomos e criativos não só permite que eles se apropriem do processo de

aprendizado, mas também os empodera a explorar e expressar suas identidades culturais de maneira significativa.

A autonomia pode ser promovida por meio de projetos culturais que incentivam os estudantes a pesquisar e criar apresentações em inglês sobre suas culturas, tradições e histórias. Nisso, eles podem inclusive explorar meios criativos de apresentá-las, utilizando a língua de forma ativa e crítica, e constituindo-se protagonistas no processo de construção do conhecimento.

4.2. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DECOLONIAL E INTERCULTURAL: METODOLOGIA

Para alcançar esses objetivos, é necessário pensar uma metodologia para refletir sobre esses princípios pedagógicos. As atividades de introdução crítica, por exemplo, podem ser organizadas em discussões sobre a história da língua inglesa e sua expansão, conforme BNCC e *Currículo em Movimento*, usando textos e vídeos que abordem a relação entre língua e cultura com uma perspectiva crítica. Outra alternativa seria o trabalho de pesquisa descrito aqui, com os estudantes valorizando a cultura e a diversidade de países colonizados em vez daqueles de praxe (Estados Unidos e Inglaterra).

A escolha de materiais didáticos que incluam vozes de falantes de inglês de países não-hegemônicos, como literatura, músicas, entre outros, pode ajudar a trazer a representatividade para o centro do processo de ensino, buscando uma educação diversa. Esse uso de materiais decoloniais, que destacam histórias e narrativas frequentemente excluídas dos currículos tradicionais, permite que os estudantes reconheçam a pluralidade de vozes e experiências dentro do universo da língua inglesa (Canagarajah, 2005). Um exemplo seria, além de visualizar países e culturas marginalizadas, corroborar nesse contexto incluindo vozes de minorias de gênero, cor e classe entre outros, como trabalhar poemas em LI de mulheres africanas negras.

Ainda nesse mesmo movimento de metodologia, o uso de dinâmicas de grupo e jogos, que facilitam a comunicação entre os alunos e incentivam o trabalho colaborativo, podem corroborar para um aprendizado mais dinâmico e interativo, em que os estudantes são incentivados a participar ativamente, explorando situações interculturais e praticando a aprendizagem da LI.

4.3. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DECOLONIAL E INTERCULTURAL: AVALIAÇÃO FORMATIVA

Finalmente, a avaliação formativa nesta abordagem pedagógica se torna crucial, pois considera não apenas a proficiência dos alunos na língua inglesa, mas também sua capacidade de refletir criticamente sobre o uso da língua e suas implicações culturais e todo desenvolvimento do estudante durante esse processo.

Essa avaliação pode ser feita por meio de portfólios, autoavaliação e *feedback* entre pares e do(a) professor(a), o que incentiva a autorreflexão e a autonomia dos estudantes, ao mesmo tempo que promove uma aprendizagem contínua e colaborativa, que também torna possível perceber as dificuldades e habilidades dos estudantes. A observação ao processo torna possível corrigir falhas, recuperar aprendizagens e adaptar-se às habilidades dos alunos.

4.4. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DECOLONIAL E INTERCULTURAL: SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* e o *Currículo em Movimento do Distrito Federal (SEEDF)* destacam a importância de uma educação intercultural e crítica no ensino de línguas, promovendo a reflexão sobre questões históricas e sociais. Nesse contexto, esta sequência didática visa abordar a expansão da língua inglesa por meio de uma perspectiva decolonial, proporcionando aos alunos uma visão crítica dos processos históricos que levaram o inglês a ser uma das línguas oficiais em diversos países, especialmente fora do eixo Europa-Estados Unidos.

A metodologia adotada nesta sequência didática integra pesquisa colaborativa e reflexões críticas, valorizando a autonomia dos alunos na construção do conhecimento. Seguindo uma abordagem dialógica, inspirada nos princípios de Paulo Freire e nos estudos decoloniais, as atividades propõem a investigação sobre países da África e do Caribe onde o inglês se tornou língua oficial, com foco no processo de colonização, conhecendo a diversidade da língua inglesa por diferentes ângulos. Essa abordagem visa descolonizar o currículo, promovendo a inclusão de saberes não eurocêntricos e a desconstrução da hegemonia cultural que o ensino de língua inglesa muitas vezes carrega.

Com base nos princípios da BNCC, que valoriza a análise crítica e a contextualização histórica no ensino de língua estrangeira, a sequência busca se

alinhar aos objetivos de promover a interculturalidade e questionar a hegemonia cultural.

Sequência Didática		
Matéria: Língua Inglesa	Conteúdo: A expansão da língua inglesa pelo mundo	Público-alvo: Estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental
Materiais necessários: <ul style="list-style-type: none"> ● Mapa-múndi para visualização geográfica dos países; ● Computadores, tablets ou dispositivos móveis com acesso à internet para pesquisa; ● Quadro branco e canetas; ● Materiais de apoio para apresentações visuais (cartolinas, marcadores, projetores, etc.); ● Slides ou vídeos que contextualizem historicamente a colonização em países de língua inglesa. 	Objetivo geral: Compreender criticamente o processo de expansão da língua inglesa por meio da colonização em países da África e do Caribe, desenvolvendo uma visão crítica sobre os impactos linguísticos e culturais da colonização. Objetivos específicos: <ul style="list-style-type: none"> ● Refletir criticamente sobre a expansão da língua inglesa e sua relação com a colonização; ● Identificar países africanos e caribenhos onde o inglês é língua oficial e entender os processos históricos que levaram a isso; ● Promover a valorização da diversidade cultural e linguística, questionando a imposição da língua inglesa e seus impactos sociais; ● Desenvolver habilidades de pesquisa e ampliar o vocabulário por meio da literatura, promovendo a comunicação oral por meio de apresentações. 	
Metodologia: A metodologia adotada nesta sequência didática envolve pesquisa colaborativa e reflexão crítica. Com foco em uma abordagem dialógica, inspirada nos princípios de Paulo Freire e na teoria decolonial, os alunos trabalham em grupos para investigar a expansão da língua inglesa em países da África e do Caribe, explorando a relação entre colonização e língua oficial. A sequência inclui quatro aulas que combinam exposição teórica, pesquisa autônoma e apresentação dos resultados pelos alunos, promovendo uma análise crítica dos impactos da colonização. O professor atua como facilitador, guiando os alunos na construção de uma perspectiva crítica e intercultural.		
Aula 1 - Sensibilização e Orientação sobre a Pesquisa: Introduzir o tema da expansão da língua inglesa pelo mundo e sensibilizar os alunos para as consequências da		

colonização linguística		
<p>Introdução (15 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● O professor apresenta o conteúdo sobre a expansão da língua inglesa, destacando sua relação com os processos coloniais em países da África e do Caribe. ● Utilização de um mapa-múndi para mostrar a localização geográfica dos países onde o inglês é língua oficial fora do eixo Europa-Estados Unidos, destacando o legado colonial. ● Exibição de dados e estatísticas sobre a quantidade de falantes de inglês nesses países, estimulando os alunos a refletirem sobre o impacto do colonialismo linguístico. 	<p>Atividade de Grupo (20 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Sorteio de países da África e do Caribe entre os grupos de alunos. Cada grupo ficará responsável por pesquisar como a língua inglesa chegou a esses países por meio da colonização. ● O foco da pesquisa deverá ser: as circunstâncias da colonização, os impactos culturais e linguísticos, e o papel atual do inglês como língua oficial. 	<p>Orientações para a Pesquisa (10 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Explicação detalhada sobre o que será esperado na próxima aula: os alunos deverão trazer as informações pesquisadas, incluindo dados históricos e culturais, e começar a preparar suas apresentações visuais (cartazes, slides, etc.). ● Reforço do caráter crítico da atividade: os alunos devem questionar a imposição do inglês e os efeitos dessa língua no contexto pós-colonial.
<p>Aula 2 – Acompanhamento da Produção de Materiais: Orientar os alunos na organização e desenvolvimento das suas apresentações.</p>		
<p>Orientação Inicial (10 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● O professor faz uma breve revisão dos objetivos da pesquisa e oferece exemplos de como estruturar as apresentações. ● Reforçar que as apresentações deverão evidenciar uma análise crítica sobre a colonização e 	<p>Trabalho em Grupo (30 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Os alunos trabalharão em grupos para organizar o material que pesquisaram e começar a desenvolver seus recursos visuais (slides, cartazes, etc.). ● O professor circula pela sala, oferecendo 	<p>Encerramento (5 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Relembrar os alunos da importância de estar preparados para as apresentações na próxima aula. ● Reforçar que todos os membros dos grupos devem participar da apresentação e que a

o impacto da língua inglesa.	suporte e orientações, ajudando os grupos a focar na construção de uma narrativa crítica.	avaliação será formativa, considerando o conteúdo pesquisado, a participação no preparo e nas aulas, além da clareza da apresentação.
Aula 3 – Apresentação e Avaliação: Apresentar os resultados das pesquisas e promover uma avaliação formativa com base nas reflexões críticas sobre a colonização e a expansão da língua inglesa.		
<p>Apresentação dos Grupos (30 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Cada grupo terá 10 minutos para apresentar suas pesquisas, explicando como o inglês foi introduzido em seu país sorteado e as consequências disso no contexto atual. ● As apresentações deverão destacar os impactos linguísticos, culturais e políticos da colonização. 	<p>Discussão Crítica (10 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Após as apresentações, o professor conduzirá uma discussão com a turma, fazendo perguntas sobre as semelhanças e diferenças entre os países apresentados. ● Promover uma reflexão sobre a colonização linguística e os efeitos duradouros da hegemonia do inglês. 	<p>Avaliação e Encerramento (5 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● O professor dará feedback formativo sobre as apresentações, destacando os pontos positivos e áreas que podem ser melhoradas. ● Finalizar com uma reflexão geral sobre a importância de se pensar criticamente a língua inglesa no mundo globalizado.
<p>Aula 4 – Leitura Crítica e Diversidade Linguística: Trabalhar com textos em língua inglesa de países colonizados, explorando a diversidade de vocabulário e pronúncia, alinhando a prática ao método decolonial proposto.</p> <p>Sugestão de leituras:</p> <p>A. <i>Things Fall Apart</i> trecho adaptado de Chinua Achebe, da Nigéria. Considerado um dos maiores romances da literatura africana — além de texto fundador da literatura pós-colonial em inglês —, <i>Things Fall Apart</i> aborda a chegada dos colonizadores britânicos na África e os efeitos da colonização sobre a cultura Igbo. Um trecho de uma conversa entre personagens pode ser utilizado para analisar a introdução de palavras nativas ao inglês e como as culturas se encontram e se enfrentam.</p> <p>B. “Girl”, trecho adaptado de Jamaica Kincaid, da Antígua e Barbuda, autora do Caribe cujas obras frequentemente abordam temas de colonização e identidade cultural. O microconto “Girl” contém um estilo de escrita que mistura inglês padrão com vocabulário caribenho, refletindo a influência da colonização e as</p>		

complexidades linguísticas da região.

- C. "Pineapple", de Oliver Senior, importante poeta caribenha que utiliza sua obra para explorar as consequências do colonialismo nas culturas locais. No poema "Pineapple", o fruto se torna uma metáfora da apropriação colonial e da resistência cultural, com imagens que conectam a exploração da terra à exploração de pessoas.
- D. "Dis Poem", trecho adaptado de Mutabaruka, poeta jamaicano, explora temas como colonialismo, racismo, opressão social e resistência cultural. A obra em versos utiliza uma estrutura fragmentada e repetitiva para enfatizar a continuidade da luta contra a opressão e a persistência da história contada sob várias perspectivas. O poema também aborda a influência do colonialismo e a mistura de elementos culturais.

<p>Introdução (10 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● O professor apresenta trechos selecionados de textos literários, artigos ou depoimentos oriundos de países colonizados (como Antígua e Barbuda, Jamaica ou Nigéria). ● Explicação sobre como a colonização influenciou o vocabulário e a pronúncia do inglês nesses contextos, mostrando exemplos de palavras incorporadas ao inglês local ou expressões culturais específicas. ● Discussão breve sobre a importância de valorizar as variantes do inglês como expressão da diversidade cultural. 	<p>Atividade de Leitura e Análise (25 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Os alunos, em grupos, recebem diferentes textos (ou trechos) e realizam uma leitura conjunta. ● Cada grupo deve identificar: ● Palavras ou expressões que refletem particularidades culturais ou históricas do país de origem do texto. ● Diferenças notáveis de vocabulário ou estrutura linguística em relação ao inglês padrão. ● Os grupos discutem como essas particularidades refletem a influência da colonização e a 	<p>Encerramento (10 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação rápida de cada grupo sobre suas análises, destacando as características linguísticas e culturais observadas no texto. ● Reflexão guiada pelo professor sobre como a língua inglesa pode ser vista tanto como um legado colonial quanto como um meio de expressão cultural e resistência.
--	---	---

	resistência cultural dos países.	
--	----------------------------------	--

Essa sequência didática busca alinhar-se aos princípios da BNCC e do *Currículo em Movimento*, promovendo o desenvolvimento de uma aprendizagem crítica e intercultural. Ao abordar a língua inglesa dentro de um contexto histórico de colonização, a proposta visa desconstruir a visão hegemônica da língua e valorizar a pluralidade de culturas e histórias dos países que foram impactados pela colonização inglesa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procedeu a uma revisão aprofundada dos estudos decoloniais e interculturais, com vistas a explorar como a expansão global da língua inglesa está intrinsecamente ligada às dinâmicas de poder colonial e imperial. À luz disso, e mais importante, também estudou a aplicação da teoria decolonial no ensino de língua inglesa, buscando uma reavaliação crítica das práticas pedagógicas que perpetuam a colonialidade e promovem uma verdadeira interculturalidade.

A teoria decolonial representa um desafio significativo às narrativas eurocêntricas que dominam o campo do conhecimento. Conforme discutido, os estudos decoloniais, especialmente o trabalho do Grupo Modernidade/Colonialidade e as contribuições de autores como Mignolo (2017), oferecem uma perspectiva crítica sobre a persistência da colonialidade e a marginalização dos saberes não eurocêntricos. Esse quadro teórico nos permite questionar e reformular práticas educacionais que, frequentemente, reforçam a hegemonia linguística e cultural do inglês.

A análise do currículo de língua inglesa à luz da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) e do *Currículo em Movimento* da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e a sequência didática buscaram desvelar que, embora esses documentos promovam a aprendizagem crítica e intercultural, ainda há um caminho significativo a ser percorrido. As práticas pedagógicas atuais frequentemente carecem de uma abordagem verdadeiramente decolonial que respeite e integre a diversidade cultural dos alunos. A experiência prática descrita neste trabalho pretendeu evidenciar a necessidade urgente de uma reforma curricular que vá além da superficialidade e realmente valorize diferentes formas de conhecimento e expressão cultural.

Diante desta pesquisa, verifica-se que, para desconstruir a hegemonia linguística e promover uma educação mais inclusiva e equitativa, é essencial adotar uma perspectiva decolonial nas práticas pedagógicas. Isso envolve não apenas a revisão dos materiais didáticos, mas também a adoção de metodologias que reconheçam e integrem a diversidade cultural dos alunos na sala de aula. O trabalho de autores como Santos de Souza e Nascimento (2018) destaca a importância de reconhecer as barreiras linguísticas e culturais e desenvolver estratégias

pedagógicas que sejam sensíveis às diferenças e à pluralidade existente na sociedade.

Além disso, este estudo tem o propósito de evidenciar que a expansão global da língua inglesa, impulsionada por fatores históricos e econômicos, como a dominância do Império Britânico e a influência dos Estados Unidos, tem implicações significativas para o ensino de línguas. A hegemonia do inglês, conforme analisado por Lacoste (2005) e Andrade (2020), pode gerar desafios na educação, incluindo a marginalização de outras línguas e culturas e a intensificação das desigualdades sociais e econômicas.

A sequência didática, voltada para a expansão da língua inglesa em países colonizados, foi pensada para aprofundar a proposta decolonial ao conectar a teoria com a prática pedagógica de maneira direta. Ao integrar quatro aulas que promovem a sensibilização, a pesquisa e a apresentação dos estudantes sobre a presença do inglês e sobre a diversidade da língua em países da África e do Caribe, a sequência tem em vista a emancipação e reflexão dos estudantes sob essa perspectiva.

Seguindo os princípios de Paulo Freire, as atividades propostas buscam desafiar a visão de um inglês neutro ou universal, ou até mesmo uma língua franca, ao passo que promovem um olhar crítico sobre como essa língua foi majoritariamente imposta por meio da colonização. Ao oferecer aos estudantes a oportunidade de explorar esses contextos históricos e culturais, a sequência promove a construção de uma consciência crítica e de uma leitura de mundo que vai além da gramática e do vocabulário, abrindo espaço para o diálogo intercultural e para o questionamento de narrativas hegemônicas, ao lado do *Currículo em Movimento* e da BNCC.

A sequência também proporciona um caminho metodológico que projeta ser coerente com a teoria decolonial, na medida em que desestabiliza a centralidade da perspectiva eurocêntrica. Em vez de tratar o inglês como uma ferramenta de assimilação, as aulas estimulam a compreensão de suas implicações políticas e culturais, almejando fomentar uma aprendizagem que emerge das margens, valorizando os contextos locais e históricos dos países analisados.

A sequência didática não apenas enriqueceu a compreensão dos alunos sobre as temáticas decoloniais, mas também incentivou uma análise crítica da língua inglesa, desafiando-a a ser mais do que apenas um meio de comunicação, mas um instrumento de transformação cultural e resistência. A interação entre os

alunos, suas leituras e produções criativas fortaleceu a proposta pedagógica, alinhando teoria e prática em um processo de aprendizado significativo.

Assim, a sequência didática apresentada neste trabalho busca ser uma consolidação da prática como o terreno fértil para a aplicação da teoria decolonial. Ao integrar a conscientização crítica com uma abordagem ativa e investigativa do inglês, este estudo visa desafiar a hegemonia linguística e oferece aos estudantes um caminho para a construção de uma nova narrativa, em que o inglês não é mais visto como herança colonial, mas como uma ferramenta para a emancipação intelectual e intercultural.

Em suma, esta pesquisa aponta para a necessidade de uma abordagem crítica e transformadora no ensino de língua inglesa, que vá além da simples transmissão de conhecimento linguístico e promova uma reflexão sobre as implicações sociais e históricas do idioma. A descolonização do ensino da língua inglesa deve ser um processo contínuo e consciente, que busque a valorização das identidades culturais e a construção de uma educação mais justa e inclusiva.

Portanto, como legado deste estudo, as futuras práticas pedagógicas incluem a incorporação de perspectivas decoloniais nos currículos e metodologias de ensino, a valorização das vozes e saberes dos alunos e a promoção de um diálogo intercultural genuíno. Somente através de uma abordagem educacional que reconheça e celebre a diversidade cultural será possível construir um futuro educacional mais equitativo e transformador, em consonância com as teorias decoloniais e interculturais aqui discutidas.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, C. *Things Fall Apart*. 1. ed. New York: Astor-Honor, 1959. Disponível em: <<https://marul.ffst.hr/~bwillems/fymob/things.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- ANDRADE, R. M. S.; CRUZ, G. F. da. Língua inglesa: aspectos de sua universalidade. *Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista*, v. 12, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/7657>>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- ANJOS, F. A. dos. O inglês como língua franca global da contemporaneidade: em defesa de uma pedagogia pela sua desestrangeirização e descolonização. *Revista Letra Capital*, v. 1, n. 2, p. 95-117, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/lcapital/article/view/8590>>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 9, n. 9, p. 105-117, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- BALLESTRIN, L. Colonialidade e decolonialidade: o giro epistemológico da América Latina. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/>>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- CANAGARAJAH, A. S. *Reclaiming the Local in Language Policy and Practice*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- FERREIRA, M.; PESSOA, D. O ensino de línguas: questões de ideologia e poder. In: *Anais do Congresso Internacional de Linguística Aplicada*, 2018.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Educação. *Currículo em movimento da Educação Básica: pressupostos teóricos*. Brasília: GDF, 2018.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- KABONGO, S. M. S. Abordagem decolonial da práxis docente no ensino de línguas estrangeiras: entre questionamentos e possibilidades. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.
- KINCAID, J. Girl. Disponível em: <<https://xpressenglish.com/wp-content/uploads/Stories/Girl.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

KUMARAVADIVELU, B. *Understanding Language Teaching: From Method to Postmethod*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

LACOSTE, Y. (Org.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005.

MALDONADO-TORRES, N. On the Coloniality of Being: Contributions to the Development of a Concept. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502380601162548>>. Acesso em: 10 out. 2024.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Caminhos do pensamento crítico latino-americano: a articulação entre estudos pós-coloniais e o giro decolonial. *Revista de Estudos Avançados*, v. 31, n. 89, p. 143-164, 2017.

MIGLIEVICH, A. O giro decolonial latino-americano: um movimento em curso. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2017/05/18/o-giro-decolonial-latino-americano-um-movimento-em-curso/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. *Revista de Educação Pública*, v. 26, n. 60, p. 12-32, 2017. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MIGNOLO, W. D. *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003.

MUTABARUKA. Dis Poem. Disponível em: <<http://pdf-objects.com/files/Dis-Poem.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

OSTLER, N. *The Last Lingua Franca: English Until the Return of Babel*. New York: Walker & Company, 2010.

PESSOA, D.; BASTOS, L. Multilinguismo e ensino de línguas: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 17, n. 1, p. 147-165, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 12-13, p. 117-130, 2004. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SOUZA, N. C. S. de; NASCIMENTO, A. M. do. *Apontamentos críticos sobre a colonialidade do saber: em defesa da pluralidade na construção do conhecimento*. Articulando e Construindo Saberes, Goiânia, v. 3, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/racs/article/view/55383>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SENIOR, O. Pineapple. In: *Gardening in the Tropics*. Toronto: Ryerson University, 2012. Disponível em: <<https://www.torontomu.ca/olivesenior/poems/pineapple.html>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e educação decolonial: propostas à (im)possibilidade de uma educação intercultural. In: WALSH, C.; MIGNOLO, W. (Orgs.). *Colonialidade do Saber e Decolonialidade*.

ANEXO I - TRECHO DE *THINGS FALL APART* (CHINUA ACHEBE)
(págs. 183/184)

“They are well,” he replied without interest.

The first man to speak to Umuofia that morning was Okika, one of the six who had been imprisoned. Okika was a great man and an orator. But he did not have the booming voice which a first speaker must use to establish silence in the assembly of the clan. Onyeka had such a voice; and so he was asked to salute Umuofia before Okika began to speak.

“*Umuofia kwenu!*” he bellowed, raising his left arm and pushing the air with his open hand.

“*Yaa!*” roared Umuofia.

“*Umuofia kwenu!*” he bellowed again, and again and again, facing a new direction each time. And the crowd answered, “*Yaa!*”

There was immediate silence as though cold water had been poured on a roaring flame.

Okika sprang to his feet and also saluted his clansmen four times. Then he began to speak:

“You all know why we are here, when we ought to be building our barns or mending our huts, when we should be putting our compounds in order. My father used to say to me: ‘Whenever you see a toad jumping in broad daylight, then know that something is after its life.’ When I saw you all pouring into this meeting from all the quarters of our clan so early in the morning, I knew that something was after our life.” He paused for a brief moment and then began again:

“All our gods are weeping. Idemili is weeping, Ogwugwu is weeping, Agbala is weeping, and all the others. Our dead fathers are weeping because of the shameful sacrilege they are suffering and the abomination we have all seen with our eyes.” He stopped again to steady his trembling voice.

“This is a great gathering. No clan can boast of greater

numbers or greater valor. But are we all here? I ask you: Are all the sons of Umuofia with us here?" A deep murmur swept through the crowd.

"They are not," he said. "They have broken the clan and gone their several ways. We who are here this morning have remained true to our fathers, but our brothers have deserted us and joined a stranger to soil their fatherland. If we fight the stranger we shall hit our brothers and perhaps shed the blood of a clansman. But we must do it. Our fathers never dreamed of such a thing, they never killed their brothers. But a white man never came to them. So we must do what our fathers would never have done. Eneke the bird was asked why he was always on the wing and he replied: 'Men have learned to shoot without missing their mark and I have learned to fly without perching on a twig.' We must root out this evil. And if our brothers take the side of evil we must root them out too. And we must do it *now*. We must bale this water now that it is only ankle-deep...."

At this point there was a sudden stir in the crowd and every eye was turned in one direction. There was a sharp bend in the road that led from the marketplace to the white man's court, and to the stream beyond it. And so no one had seen the approach of the five court messengers until they had come round the bend, a few paces from the edge of the crowd. Okonkwo was sitting at the edge.

He sprang to his feet as soon as he saw who it was. He confronted the head messenger, trembling with hate, unable to utter a word. The man was fearless and stood his ground, his four men lined up behind him.

In that brief moment the world seemed to stand still, waiting. There was utter silence. The men of Umuofia were merged into the mute backcloth of trees and giant creepers,

ANEXO II - TRECHO DE "GIRL" (JAMAICA KINCAID)
(págs. 3/4)

This is how you set a table for tea;

This is how you set a table for dinner;

This is how you set a table for dinner with an important guest;

This is how you set a table for lunch;

This is how you set a table for breakfast;

This is how to behave in the presence of men who don't know you very well, and this way they won't recognize immediately the slut I have warned you against becoming;

Be sure to wash every day, even if it is with your own spit;

Don't squat down to play marbles – you are not a boy, you know;

Don't pick people's flowers – you might catch something;

Don't throw stones at blackbirds, because it might not be a blackbird at all;

This is how to make a bread pudding;

This is how to make doukona;

This is how to make pepper pot;

This is how to make a good medicine for a cold;

This is how to make a good medicine to throw away a child before it even becomes a child;

This is how to catch a fish;

This is how to throw back a fish you don't like, and that way something bad won't fall on you;

This is how to bully a man; this is how a man bullies you;

This is how to love a man;

And if this doesn't work there are other ways, and if they don't work don't feel too bad about giving up;

This is how to spit up in the air if you feel like it, and this is how to move quick so that it doesn't fall on you;

This is how to make ends meet;

Always squeeze bread to make sure it's fresh;

But what if the baker won't let me feel the bread?;

You mean to say that after all you are really going to be the kind of woman who the baker won't let near the bread?

ANEXO III - TRECHO DE “DIS POEM” (MUTABARUKA)
(pág. 1)

Dis Poem
Mutabaruka

dis poem
shall speak of the wretched sea
that washed ships to these shores
of mothers cryin for their young
swallowed up by the sea
dis poem shall say nothin new
dis poem shall speak of time
time unlimited time undefined
dis poem shall call names
names like lumumba kenyatta nkrumah
hannibal akenaton malcolm garvey
haile selassie
dis poem is vexed about apartheid rascism fascism
the klu klux klan riots in brixton atlanta
jim jones
dis poem is revoltin against 1st world 2nd world
3rd world division man made decision
dis poem is like all the rest
dis poem will not be amongst great literary works
will not be recited by poetry enthusiasts
will not be quoted by politicians nor men of religion
dis poem s knives bombs guns blood fire
blazin for freedom
yes dis poem is a drum
ashanti mau mau ibo yoruba nyahbingi warriors
uhuru uhuru
uhuru namibia
uhuru soweto
uhuru afrika
dis poem will not change things
dis poem need to be changed
dis poem is a rebirth of a peopl
arizin awaking understandin
dis poem speak is speakin have spoken
dis poem shall continue even when poets have stopped writin
dis poem shall survive u me it shall linger in history
in your mind
in time forever
dis poem is time only time will tell
dis poem is still not written
dis poem has no poet
dis poem is just a part of the story
his-story her-story our-story the story still untold

ANEXO IV - "PINEAPPLE" (OLIVER SENIOR)

[Home](#)

[About](#)

[The Author](#)

[The Poems](#)

[Glossary
of Literary Terms](#)

[Resources](#)

PINEAPPLE

1. With *yayama*
2. fruit of the Antilles
3. we welcomed you
4. to our shores,
5. not knowing in
6. your language
7. "house warming"
8. meant "to take
9. possession of"
10. and "host"
11. could so easily
12. turn hostage.

13. Oblivious
14. of irony,
15. you now claim
16. our symbol
17. of hospitality
18. as your own,
19. never suspecting
20. the retribution
21. incarnate
22. in that sweet
23. flesh.

24. So you
25. plant pineapples
26. arrayed in fields
27. like battalions
28. not knowing
29. each headdress
30. of spikes
31. is slanted
32. to harness
33. the sun's
34. explosions

35. and store them
36. within
37. the fruit's
38. thick skin
39. on which
40. - unless
41. you can peel
42. them off quick -
43. pineal eyes
44. watch and
45. wait,
46. counting down.